

UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

ENTREVISTA COM NOEMI KELLERMANN

Entrevista concedida ao Projeto "Universidade Regional de Blumenau e sua História", em Março/2004.

Entrevistadores: Roberto Marcelo Caresia
Ricardo Machado

BLUMENAU
2004

Rde

N.K.: Noemi Kellermann

R.M.C.: Roberto Marcelo Caresia

R.M.: Ricardo Machado

R.M.C.: Professora Noemi, a senhora poderia falar brevemente sobre a sua vida, antes do seu ingresso na universidade.

N.K.: Eu vim de Porto Alegre para Blumenau como convidada pelo Teatro Carlos Gomes, com uma equipe de música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vieram umas 5 ou 6 pessoas para fundar uma nova escola de música no Teatro Carlos Gomes, onde até então, sediava o Conservatório de Música do Teatro Carlos Gomes. É a partir de 1971, com a chegada desta equipe, que se fundou o que se chamou naquela época de Escola Superior de Música de Blumenau. Justamente porque havia, já naquela época, uma posição sobre o perfil desta escola. Houve momentos bem concretos, neste sentido, de negociação com a FURB, inclusive a ida da direção da universidade e a direção do próprio Teatro Carlos Gomes ao Ministério de Educação com a finalidade de se fundar uma Escola Superior de Música que fosse sediada no Teatro Carlos Gomes, mas vinculada a Universidade. Eu vim para Blumenau para esta finalidade: para a Escola de Música do Teatro Carlos Gomes. Já no ano seguinte, a FURB estabeleceu convênio com a Escola de Música do Teatro Carlos Gomes para aulas de música no Curso de Educação Artística, um dos primeiros do Estado de Santa Catarina. Havia a necessidade de formação de professores para cumprir a Lei 5692, e pelo Brasil inteiro teve início a formação de professores com aquele perfil que exigia a lei, em regime intensivo. Nesta época surgiu esta nova modalidade de professores, que eram os professores polivalentes em Artes: Música, Artes Plásticas e Artes Cênicas. Em Blumenau, a FURB e o Teatro Carlos Gomes foram pioneiros na implantação desta nova modalidade de professores de Artes. Nesta época vinham professores de todas as cidades do estado de Santa Catarina. Formaram-se as primeiras turmas em Blumenau. As pessoas ficaram de um ano e meio à dois anos morando em Blumenau; havia aulas em regime intensivo, de manhã, à tarde e a noite. Fizeram um mergulho no estudo e na vivência de artes. A área de música era toda realizada no Teatro Carlos Gomes, as áreas de Artes Cênicas e Artes Plásticas aconteciam um espaço que se chamava "Kander", que se localizava nas proximidades da antiga rua do Correio, perto do atual Bradesco. Nesta época

2


o Curso de Educação Artística estava localizado em diferentes espaços. Não eram apenas salas diferentes, eram espaços diferentes dispersos na cidade. No Teatro Carlos Gomes funcionava muito bem o Curso de Música.

R.M.C.: Começou quando o Curso de Artes?

N.K.: O Curso de Artes que na década de setenta chamava-se Educação Artística, teve início em 1973.

R.M.C.: O Curso de Educação Artística estava ligado a que faculdade?

N.K.: Estava ligado ao Centro de Filosofia, Ciências e Letras. Atualmente integra o Centro de Ciências da Educação, junto ao Curso de Letras e o Curso de Pedagogia. Eu exercia a função de professora neste primeiro Curso de Educação Artística pelo convênio da FURB com o Teatro Carlos Gomes, e depois passei a ser servidora da FURB nas disciplinas de Música, Prática de Ensino, Folclore Brasileiro e Tradução Intersemiótica.

R.M.: Professora, talvez poderíamos começar pelo começo. Fale sobre onde a Senhora nasceu e depois sobre sua formação, porque acho que estas também são coisas importantes. E depois a gente retoma esta parte.

N.K.: Eu nasci no Rio Grande do Sul em uma cidade bem próxima de Porto Alegre chamada General Câmara, antigamente Margem do Taquari. A cidade mudou de nome depois da guerra, pois o exército localizou-se ali com um arsenal de guerra. Até aos 16 anos eu vivi nesta cidade. Fui para Porto Alegre para estudar, fiz inicialmente magistério e fui estudar Música. Estudei no Colégio Americano que era um colégio de orientação americana da Igreja Metodista. Estudei nesta escola e também lecionei ali durante dez anos. Trabalhei como professora de Ensino Fundamental, mas também no ensino de Música.

R.M.C.: O curso de música a Senhora fez onde?

N.K.: Estudei Música no Conservatório de Música do Colégio Americano e junto ao Dr. Oscar Zander da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesta época atuava também junto a um coro chamado Coro de Câmara de Porto Alegre, sob a direção do Dr. Prof. Zander. Oscar Zander foi a primeira pessoa convidada pela direção da Sociedade Dramático Carlos Gomes a residir em Blumenau para fundar a nova Escola de Música do Teatro Carlos Gomes. Ao ser convidado, ele convidou também uma equipe para vir junto à Blumenau para esta finalidade, e eu estava integrada a esta equipe. Quando eu estava aqui em Blumenau, durante uns dois ou três anos, viajei para a Europa porque recebi uma bolsa

N. K.

de estudos do governo da Áustria. Completei a minha formação em Salzburg na Áustria, no Instituto Orff, da Escola Superior de Música e Artes Cênicas Mozarteum. Estudei a Pedagogia Musical Orff trabalhando teoria da música, prática de música, improvisação, instrumento, canto, dança antiga, música folclórica, música antiga, música erudita. É uma formação bastante ampla, fundamentada na orientação de Carl Orff, conhecido como o compositor de Carmina Burana, sua obra mais difundida no Brasil. Quando se trabalha com a educação musical como um todo, com a formação integral para crianças, jovens e adultos, há necessidade de constante atualização. Quando voltei de Salzburg, retornei para Blumenau para ficar apenas ainda algum tempo e após partir novamente; mas acabei ficando porque casei com Roy Kellermann, artista plástico, natural de Blumenau. Voltando a FURB fiz também Especialização em Metodologia do Ensino Superior.

R.M.: Como você via culturalmente Blumenau daquela época?

N.K.: Era uma Blumenau diferente, não vou dizer que era nem pior e nem melhor. Era diferente. Quando eu cheguei em Blumenau, a cidade já era completamente diferente daquela Blumenau anterior a década de 70, sobre a qual as pessoas falavam que era uma época melhor. E, no entanto, a constatação que eu tive quando cheguei aqui é que havia muitas coisas que aquela Blumenau de antigamente ainda não tinha conhecimento. Em relação às Artes, na década de 70, havia a Escola de Música, fundada em 1971, no Teatro Carlos Gomes, muito bem freqüentada. Os concertos promovidos pela Escola de Música, com artistas de outras cidades do Brasil e do exterior eram lotados, e inclusive as apresentações de alunos, que poderiam ser algo que não interessaria para quem não é pai de aluno, tinha o Grande Auditório Heinz Geyer lotado. A Escola de Música do Teatro Carlos Gomes também realizava anualmente um seminário de música. Pelas relações que tínhamos com os músicos do Brasil e músicos do exterior, era possível realizar-se seminários de altíssimo nível de música erudita. Não era música popular, era música erudita, pois a Escola de Música ficou conhecida durante muito tempo somente como escola de música erudita como reflexo desta tradição cultural de Blumenau. Até uma determinada época, em Blumenau ouvia-se quase exclusivamente só música erudita nas rádios. Na década de 70, ainda havia nas rádios alguns programas de música erudita, mas não havia uma rádio que somente tocasse música erudita. No entanto, havia uma ótima freqüência aos concertos e shows. Quanto a cinema, havia o Cine Blumenau, o Cine Bush e o Cine Mock, além disso,

*N. Kellermann*₄

também havia o Cine Carlitos que situava-se em uma casa no bairro da Vila Nova, este era um cinema que apresentava filmes de artes fora do circuito comercial; o Cine Carlitos tinha menos de 70 lugares; até hoje os proprietários deste cinema ainda estão na cidade, Carlos Braga Muller e Alvacir Ávila dos Santos. Na década de 80, o cinema de arte voltou a acontecer no Cine Busch através da iniciativa de Herbert Holetz, que hoje também dirige o Cinema da Fundação Cultural de Blumenau. Voltando a década de 70, quando voltei da Europa, Oscar Zander já havia saído de Blumenau e havia outros diretores da Escola de Música no Teatro Carlos Gomes. Eu retornei para a minha função de professora na Escola de Música e no Curso de Artes da FURB. No retorno a Blumenau, já na metade da década de 70, percebia-se um movimento muito interessante de Artes Plásticas. Quando eu cheguei aqui em Blumenau em 71, acontecia a inauguração da Galeria Açú-Açú, liderada por Lindolf Bell e Elke Hering, em um pequeno prédio na rua XV de Novembro, em frente ao Teatro Carlos Gomes. Guido Heuer, Rubens Oestroem e Cezinha Silvera eram jovens artistas que produziam belas jóias em prata e bronze, mas também já pintavam. Eram peças totalmente diferenciadas e faziam exposições promovidas pela galeria Açú-Açú. Nesta época havia uma efervescência de artes plásticas e literatura. Os poetas, os artistas plásticos, encontravam-se em alguns lugares da cidade, onde ficavam conversando, como por exemplo em um local chamado “Varandão”, um bar situado na rua XV de Novembro, uma casa muito antiga com grandes janelas em arcos e muitas árvores, onde atualmente localiza-se o Bradesco. Era um lugar onde os artistas se reuniam e ficavam conversando horas e horas. Quando derrubaram o “Varandão” a gente ficava nas esquinas, não havia muitos lugares para escolher para ficar, mas era um grupo unido. Havia esta efervescência que era resultado do grande grau de ligação que os artistas tinham entre si, queriam ficar juntos, conversar, como agora, como em todas as épocas. Nesta época havia também um movimento chamado “Barriga Verde”, ao qual a universidade não estava envolvida diretamente, porque era um movimento que nasceu como uma iniciativa de Lindolf Bell na Galeria Açú-Açú. Era um movimento que tinha base principalmente nas Artes Plásticas, mas que também integrava eventos de Música, Literatura, Poesia e Dança, pois no Teatro Carlos Gomes havia a única Escola de Dança da cidade. Eu estive ligada a este movimento, como musicista e cantora, junto a outros músicos da Escola de Música do Teatro Carlos Gomes, tais como: Jorge Preiss, Melita Bona, atualmente professora no Curso de Artes da



5

FURB, e Telmo Locatelli, regente do Camerata Vocale. Na década de 70 participávamos no Teatro Carlos Gomes de um Grande Coro, de um Coro de Câmara, de um Grupo de Música Antiga Instrumental e Vocal. Havia também uma Orquestra de Câmara.

R.M.C.: Mas ao mesmo tempo a Senhora já estava dando aulas aqui na universidade.

N.K.: Logo que eu cheguei em Blumenau, eu já estava dando aula. Primeiro como professora do convênio com o Teatro Carlos Gomes...

R.M.C.: Que disciplinas a Senhora trabalhava?

N.K.: Folclore Brasileiro, Música e Prática de Ensino. No decorrer de todo o tempo que eu tenho estado na universidade tenho continuado como professora destas disciplinas. Atualmente, desde os currículos novos do Curso de Artes Plásticas e do Curso de Música, ministro também as disciplinas Tradução Intersemiótica e Metodologia do Ensino da Música.

R.M.C.: Neste período em que a Senhora estava falando das Artes, como era dentro da universidade? Havia espaço para a Arte aqui dentro? Como é que se estava se abrindo e pensando a Arte aqui, em paralelo ao que estava acontecendo na cidade?

N.K.: Eu era professora da FURB, mas devido a localização do curso eu não tinha esta vinculação tão forte com a Universidade como eu tenho hoje. Pois o Curso de Artes era espalhado pela cidade; como relatei, a área de Música acontecia dentro do Teatro Carlos Gomes, onde eu tinha a vinculação primeira e esta era uma vinculação muito forte, pois quem trabalha tantos anos no Teatro Carlos Gomes, tem paixão por aquele espaço da Cultura, pela sua própria história, pela própria condição, pelo que gera ou nos faz produzir ali. Eu sou uma destas pessoas, tenho paixão pelo Teatro Carlos Gomes, pelas histórias vividas ali e tudo mais, pelo potencial que ele é ou poderá ser ou já foi, e pelo o que a gente produziu, viu e viveu ali. A função que eu exercia para a FURB era ainda dentro do Teatro Carlos Gomes, quando eu passei a trabalhar com Prática de Ensino, este foi o momento de construção mais forte do meu elo com a universidade, porque neste momento eu passei a ter muitas reuniões dentro da FURB. Eu comecei a conhecer a universidade por dentro, comecei a conviver mais com as pessoas da FURB. Iniciou-se a formação deste elo através da Prática de Ensino. Naquele tempo a professora que tinha mais expressão e que foi a formadora de todos nós da Prática de Ensino, se você consultar aos professores mais antigos, com certeza eles serão unânimes em torno do nome de Hella Altenburg, que tinha



um grande amor pela FURB, e esteve entre os que lutaram naquele tempo para que a FURB obtivesse o nível de universidade. Hella era uma professora de formação para a Didática e outras áreas da Pedagogia, porém muito ligada as Artes; sabia lidar com os artistas. Quando foi diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras. Ela tinha o equilíbrio e a sensibilidade de ao mesmo tempo, compreender e exigir. Hella Altenburg foi uma das pessoas com quem muitíssimo aprendi no sentido de amar a FURB naquela época, a entender a universidade com seus defeitos e qualidades e compreender melhor muitos mecanismos de Didática, de Pedagogia. Ela foi uma professora em todos os sentidos: humanamente, com relação ao conteúdo, em tudo.

R.M.C.: A FURB já tinha o Grupo de Teatro Phoenix nesta época?

N.K.: O Grupo de Teatro Phoenix surgiu mais ou menos nesta época. O grupo Phoenix está fazendo em 2004, trinta anos. Foi fundado naquela época pela professora Edith Kormann, que foi uma das professoras daquele primeiro Curso de Educação Artística. Nesta época surgiu o Phoenix, fundado pela professora Edith Kormann, que era uma professora formada no Curso de Artes Cênicas no Rio Grande do Sul e que também atuava no Curso de Educação Artística como professora de Artes Cênicas.

R.M.: Ele já tinha uma estrutura de extensão na época? Como que o Phoenix era pensado?

N.K.: Naquela época não existia na universidade esta estrutura da Extensão como Pró-Reitoria. As atividades de artes começaram na universidade na Biblioteca Central, quando o professor Bráulio era seu diretor; ele poderá narrar muito bem sobre esta questão. A FURB sempre incentivou, mesmo antes de se constituir como universidade, os eventos de artes e a formação de grupos artísticos. Como já mencionei, não havia uma ligação direta da FURB com o movimento Barriga-Verde, liderado pelo poeta Lindolf Bell da Galeria Açu-Açu, mas havia estas ligações de pessoas da FURB com o movimento; havia também produções artísticas na universidade, sobre as quais eu não saberia falar com exatidão sobre o que era feito naquela época, mas certamente, Bráulio Scholoegel, diretor da Biblioteca Central durante muitos anos, poderá fazê-lo. Scholoegel poderá dizer muito bem sobre o que a universidade contribuiu com produção cultural para cidade, como a universidade participava e sobre o que se produzia artisticamente dentro da universidade nas décadas 60 e 70. Eu posso falar melhor do que a universidade faz hoje, porque hoje ela faz institucionalmente muitíssimo no que se refere a parte artística e cultural. Hoje a FURB



7

está presente na cidade e na região como instituição, consciente do seu papel e responsabilidade no contexto artístico-cultural.

R.M.C.: Havia então um espaço para a arte na universidade. Ali na Biblioteca...

N.K.: Havia, eu só não poderia te explicitar como era. Porém o prof. Bráulio Schloegel, atualmente Presidente da Fundação Cultural de Blumenau poderia fazê-lo, pois como já contei, esse movimento na FURB de apoio às Artes partiu da Biblioteca Central e posteriormente organizou-se na estrutura que hoje constituiu a Divisão de Promoções Culturais. A DPC passou por diferentes chefias, por diferentes direções: Vilson Nascimento, atualmente Crítico de Arte, o prof. Dr. José Ronaldo Faleiro que está hoje na UDESC, a profª. Maria Teresinha Heimann, atualmente Diretora Administrativa da Fundação Cultural de Blumenau. Em 1996 eu assumi a DPC, onde continuo até hoje.

R.M.C.: Voltando a um outro ponto, como é que era a relação da Senhora com os alunos do Curso, não só nas questões didáticas, mas também quanto a sociabilidade com estes alunos ali na década de 70 e como é que foi se configurando depois?

N.K.: As relações eram até muito pessoais. Os alunos que vinham de outras cidades no começo do Curso de Artes, na década de 70, ficavam muito tempo em Blumenau, aproximadamente dois anos, em regime intensivo de aulas e participando dos eventos artísticos de Blumenau. A gente tem uma noção mais clara daquela época quando se revê estas pessoas. A Senhora Marqueti que hoje é Senadora, foi uma das formadas neste primeiro Curso da década de 70, e em todas as vezes que encontra os professores desta época é sempre muito amistosa e fraterna. Foram professores nesta época, citando-se alguns nomes: a ceramista Edith Poerner, o pianista Jorge Hartke, como professor da História das Artes, a artista plástica Rosa Hernandez (Paloma), os quais continuaram como professores durante as transformações do Curso de Artes. Cito também outros professores daquela época mas que não continuaram durante as transformações do Curso: a gravurista e desenhista Lucimar Bello, o regente de orquestra e coro e compositor Oscar Zander, o poeta Lindolf Bell, o pianista e flautista Jorge Preiss e o compositor Henrique Morozovicz, entre outros.

R.M.C.: E na década de 80 como é que era a relação com os alunos?

N.K.: Este curso de 2 anos durou somente no início da década de 70, pois a partir de 1973, transformou-se no Curso de Educação Artística - Licenciatura Curta. Este foi um curso que



durou até a década de 80, porém muito criticado por todos os artistas e professores de Artes em todo o país, pois era um Curso que continuava formando professores polivalentes ainda atendendo a Lei 5692. Por esta orientação, um profissional de Artes deveria atuar nas escolas, em Música, Artes Plásticas e Artes Cênicas. O que se vê na prática é que quem trabalha nas escolas dá mais ênfase à área pela qual desempenha-se bem. Atualmente a Lei de Diretrizes e Bases Nº. 9.394, de 1996, prevê que cada professor trabalhe em sua área. Então o Curso de Artes da FURB na década de 80, passou, como em todos os Cursos de Artes no Brasil, pelas mesmas crises e transformações. No final da década de 70, a início da década de 70, eu fui ficando cada vez mais vinculada a universidade, ainda que nesta época tenha exercido no Teatro Carlos Gomes também a função de Diretora da Escola de Música. Devido o Curso de Artes estar passando por muitas reformas, passou a exigir muito mais dos seus professores. Como havia um quadro de professores muito reduzido, nesta época, dos anos 80, eu fui Coordenadora de Colegiado em muitos períodos. E houve uma época em que foi necessário ser Coordenadora de Colegiado e Chefe de Departamento. Exercendo as funções de Coordenação de Colegiado e Chefia de Departamento por tanto tempo, é que se começa a conhecer a universidade e a se estabelecer vínculos. Foi através destas funções que eu fui cada vez mais me vinculando a universidade, não só profissionalmente mas também afetivamente. E a gente se vincula afetivamente aquele local que te dá retorno profissional, espaço e reconhecimento. Este vínculo foi se tornando forte neste sentido. Você vê os defeitos, vê os grilos, mas você vê as qualidades e este vínculo vai crescendo. É como um bom casamento, você vê os prós e os contras e vai ficando ou vai embora. Comigo este vínculo foi se formando assim, através do Colegiado, das minhas funções como professora de Estágio, das transformações que o Curso foi sofrendo e através da minha participação nestas transformações. A transformação da FURB em Universidade aconteceu em um período em que eu estava iniciando a formação de uma vinculação mais forte com a universidade, no entanto, eu vim com muita emoção para o dia daquela celebração. Eu lembro do que sentia ao estar anônima mas ao mesmo tempo fazendo parte daquele momento histórico, entre aquela massa de gente, consciente sobre o que significava “a minha instituição” tornar-se Universidade. Durante este processo, o Curso de Educação Artística, que atualmente se chama Curso de Artes, passou por este processo intenso e constante de transformações: a partir do formato inicial de uma exigência do governo para

Keel 9

cumprir uma emergência e uma carência, a seguir como Curso de Licenciatura Curta, em seguida como Curso de Licenciatura Plena em Artes Plásticas. Destes processos fizeram parte como Coordenadores e Chefias do Departamento também Cristina Schafer, Frank Graf entre outros professores e destaca-se a importância da forte atuação e relação dos alunos com os professores e amor ao Curso articulando ações para aperfeiçoamento e consolidação do Curso de Educação Artística. Houve uma época em que professores e alunos do Curso de Educação Artística iam juntos nos sábados para a Rua XV de Novembro para eventos organizados de Artes para tornar o Curso mais conhecido pelo povo. A FURB acompanhou as mudanças que se fazia nos Cursos de Artes no Brasil e, finalmente, na década de 90, o Departamento de Artes instalou os Cursos de Licenciatura em Música e o Bacharelado em Artes Cênicas, somando-se ao já existente Licenciatura Plena em Artes Plásticas.

R.M.: Como você vê dentro deste processo o papel do DCE em relação as Artes?

N.K.: Foi sempre muito oscilante, dependia sempre das diferentes equipes que estiveram na direção do DCE. Em relação as Artes, havia gestões que simplesmente passavam lá durante a campanha para cooptar votos. E outras gestões que depois das eleições passavam a reorganizar os Centros Acadêmicos. No final da década de 90, o DCE produziu um evento muito importante chamado Festival Universitário Cidadania, Cultura e Arte, cujo conceito e ação refletem bem o papel de uma gestão estudantil no contexto universitário. Os Festivais da Canção cumpriram também este papel na comunidade universitária e na região pois têm sido festivais que abrem espaço para a produção artística.

R.M.: E quanto a produção artística, literária e musical do DCE e que envolviam a universidade?

N.K.: Nos anos 70 a produção literária na universidade era forte, Oldemar Olsen, escritor, que hoje integra a Fundação Catarinense de Cultura, é um nome que logo vem à memória; provavelmente prof. José Endoença Martins lembrará de outros nomes. A produção literária era muito intensa, pois os estudantes produziam poesia e jornais, e distribuíam estes jornais na cidade; estávamos em pleno regime de Ditadura no país... Os estudantes sentavam com outros intelectuais, nas ruas e nos bares, conversando e distribuindo os jornais com seus textos e poesias. Era uma voz muito forte que repercutia nos meios intelectuais da cidade.

R.M.C: E o Festival da Canção, a Senhora teve algum envolvimento?



N.K.: Na produção, não, mas como jurada estive em quase todos.

R.M.C.: Como é que era ser jurada no Festival da Canção? Isso no final de 70...

N.K.: Era ótimo, eu gostava muito. Era ótimo no sentido de que você estava ali em um evento de criação. Era um momento de muita adrenalina, não só de quem estava participando como candidato, como também para os jurados. O Festival da Canção tem sido um evento importantíssimo tanto para o DCE, como para a universidade, cumprindo nesta ação, ambos, importante papel como agente cultural.

R.M.C.: E sobre o Coro da FURB? Como é que ele começou?

N.K.: O Coro está fazendo em 2004 doze anos. Porém para falar do Coro talvez será preciso falar dos outros grupos da FURB. A Divisão de Promoções Culturais tem entre outras, também a função de administrar todas as atividades culturais, inclusive a Revista de Divulgação Cultural da FURB e os cinco Grupos Estáveis de Produção Artística atualmente existentes na FURB: Grupo Teatral Phoenix, que completa 30 anos em 2004; o Grupo Folclórico de Danças Alemãs da FURB, 10 anos; a Orquestra da FURB, 5 anos; e o Camerata de Violões, 4 anos. Na trajetória destes grupos quanto a direção e orientação será justo citar-se alguns nomes: no Phoenix, além da sua fundadora Edith Kormann, também Roberto Mallet, Paul Weil, José Ronaldo Faleiro, Paulo Geiger e atualmente Pita Belli; o Grupo Folclórico de Danças Alemãs até 2002 teve em sua direção Ester Neotti que obteve para o grupo 2º lugar e, suas vezes seguidas, o 1º lugar no Festival de Dança de Joinville, atualmente Marleide da Silva Ávila dirige o grupo; o Coro da FURB desde sua fundação tem a regência de Eusébio Kohler; a Orquestra da FURB tem também desde a sua formação Frank Graf; como a Camerata de Violões a direção do violonista Renato Mor criador do grupo e seu diretor.

R.M.C.: A DPC é desde quando?

N.K.: Eu não saberia te informar uma data exata. No entanto, a função da Divisão de Promoções Culturais, nestes anos todos, tem sido sempre administrar o movimento cultural da FURB, promovendo, estimulando ou apoiando eventos culturais; entre estes a missão de promover o Festival Universitário de Teatro de Blumenau, que é o evento de maior dimensão, organizado pela Divisão de Promoções Culturais para a FURB.

R.M.C.: A Senhora poderia falar um pouco sobre a Revista de Divulgação Cultural e outros projetos de Teatro no caso?



N.K.: Além destes Grupos Estáveis de Produção Artística, e dos eventos culturais, a Divulgação de Promoções Culturais tem também a responsabilidade pela Revista de Divulgação Cultural. Esta é a revista mais antiga entre as revistas publicadas pela FURB; em 2004 a RDC completa 26 anos de publicações contínuas. Esta revista também passou por muitas formas e versões: desde um livretinho pequenino branco e preto impresso em um papel muito simples; atualmente a RDC da FURB é uma bela revista, impressa em um papel de boa qualidade, com boa diagramação. Quando eu assumi a Divisão de Promoções Culturais em 1996, o prof. José Endoença Martins já era o coordenador da Revista de Divulgação Cultural; anteriormente a este período outras pessoas estiveram na produção desta revista: Bráulio Schloegel, Dário Deschamps, Luiz Carlos Schmitz, Olivo Pedron e Ana Maria Kovacs. Quando o prof. José Endoença Martins viajou para terminar seu doutorado, nos Estados Unidos, a prof^a. Maria José Ribeiro (Tuca) assumiu a direção da revista. Esta revista tem uma tiragem de mil exemplares, em três edições anuais; é totalmente administrada na DPC pela prof^a. Tuca e uma bolsista. É uma revista que alcançou grande respeito nos meios onde circula, pelos artigos, autores e pela sua qualidade material e beleza visual. Em 2004, passou a ter sua diagramação produzida na Editora da FURB. São mil volumes que a cada quatro meses são distribuídos para as universidades do Brasil e do exterior. A RDC é também distribuída para os escritores, pessoas que participam da revista. A revista passou a ser vendida quando a professora Maria José assumiu a coordenação. Está para aquisição na livraria da FURB. Além desta revista a Divisão de Promoções Culturais tem também a revista "O Teatro Transcende". Esta revista é de uma tiragem de mais de mil exemplares, com uma edição anual. No ano passado produzimos mil e duzentos exemplares. "O Teatro Transcende" é uma revista que registra o Festival Universitário de Teatro de Blumenau, evento de maior dimensão da Divisão de Promoções Culturais, evento que desde o seu início teve esta característica de evento nacional. O primeiro FUTB aconteceu sob a direção do prof. José Ronaldo Faleiro, na década de 80 professor de teatro no Curso de Artes da FURB e responsável pela Divisão de Promoções Culturais. A sua realização teve continuidade com a prof^a. Maria Terezinha Heimann, conduzindo-o até sua 9ª edição, da 10ª edição em diante a realização do Festival esteve sob a responsabilidade das professoras Noemi Kellermann, como Chefe da Divisão de Promoções Culturais, e de Rute Zendron, como Coordenadora exclusiva para o Festival.



Após Rute, a prof^a. Pita Belli, também Diretora do Grupo Teatral Phoenix e do Curso de Artes Cênicas da FURB, a partir da 15ª edição assumiu a Coordenação do Festival Universitário de Teatro de Blumenau. É um festival que atrai profissionais do Teatro, não só professores de Teatro da academia, mas artistas de teatro também. A revista "O Teatro Transcende", tem, entre outros, este objetivo: de registrar o festival. Em 2004, registraremos a 12ª edição da revista "O Teatro Transcende" pois a sua publicação teve início a partir da 6ª edição do FUTB. No início, registrava principalmente o festival. A partir de nossa gestão na DPC e das Coordenações do Festival, esta revista passou a registrar um número maior de artigos que seriam de interesse para os estudantes ou profissionais de teatro. E é um espaço também em que qualquer pessoa que trabalha com teatro pode publicar.

R.M.C.: Ainda sobre o reconhecimento da FURB, depois de que a FURB se torna universidade, que mudanças que a Senhora percebe na Extensão e no ensino de Artes.

N.K.: Neste período, depois que a FURB se tornou universidade, ou então, quase paralelo a este processo, o curso de artes já vinha gestando esta insatisfação de manter um curso de licenciatura curta que também era um reflexo do Brasil inteiro. Então este curso de licenciatura curta passou a inexistir com a implantação de licenciatura plena de artes plásticas. Quando se fez a reforma do curso querendo se extinguir a curta, o grupo de professores fez todo o planejamento para implantar música, cênicas e plásticas, as três habilitações. Isso aconteceu na década de oitenta. Esse foi um momento histórico o qual até hoje não esquecemos, porque o reitor daquela época, impediu o curso de implantar as três habilitações. E nós tivemos um atraso de dez anos para implantar cênicas e música. O argumento apresentado pelo Reitor daquela época era que, para cênicas e para música, haveria demanda muito reduzida, o que seria prejuízo para a universidade. O Reitor estava repetindo o que se fazia nas escolas, isto é, realizar exclusivamente atividades de Artes Plásticas, excluindo da vida escolar a vivência em Música e Artes Cênicas no ensino formal. Com aquela decisão, não foi possível a formação de professores em Música e Artes Cênicas para o Vale do Itajaí, configurando um prejuízo de dez anos. No entanto, desde a década de 90, quando pudemos implantar os Cursos de Música e de Artes Cênicas sempre houve grande procura de candidatos para estes Cursos e atualmente temos classes entre 70 a 25 alunos. Atualmente temos os três Cursos: Licenciatura em Artes Visuais, Licenciatura



em Música e Bacharelado em Artes Cênicas. Então neste sentido, o Curso acompanhou o status de universidade. Também a Extensão começou cada vez mais a se institucionalizar a partir da criação da Pró-reitoria de Extensão e Relações Comunitárias. Porém quando eu assumi a Divisão de Promoções Culturais, esta ainda estava ligada a Pró-Reitoria de Pesquisa. A Divisão de Promoções Culturais passa a se vincular a Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias, Pró-Reitoria que atualmente tem mais de cem projetos, além dos setores: Divisão de Assistência ao Estudante, Divisão de Promoções Culturais, Seção de Apoio e Desenvolvimento da Extensão e o Programa de Atualização Permanente.

R.M.C.: Quem era o Pró-Reitor?

N.K.: O prof. José Carlos Grando foi o primeiro Pró-Reitor da PROERC. O próximo foi o prof. Roberto Diniz Saut e a terceira gestão atualmente assume a profª. Dra. Lúcia Sevegnani.

R.M.C.: Gostaria de saber o que a Senhora poderia comentar sobre os vários reitores, de várias gestões que a senhora passou. Só uma visão geral...

N.K.: Não poderia fazer um comentário justo sobre todos os reitores, porque no início de minha participação na universidade, como já relatei, não tive uma vinculação tão forte quanto a que tenho hoje. O primeiro Reitor do qual eu lembro, quando cheguei em Blumenau era o prof. Ignácio Ricken; era um Reitor muitíssimo vinculado as Artes. Os seus filhos estudavam na Escola de Música do Teatro Carlos Gomes, e a família freqüentava os concertos. Não saberia informar, exatamente, o que era produzido por inspiração e por vontade política com relação a cultura, por este Reitor. A partir da vinculação mais forte que fui construindo com a universidade, percebo que, como chefe de departamento, como coordenadora de curso, como professora e como chefe da DPC, houve somente um Reitor que tinha uma idéia muito pessoal sobre a produção e o ensino das Artes: "a Arte pode ser improvisada e o professor tem que ser criativo, qualquer coisa e qualquer espaço, até embaixo de uma árvore, está adequado para uma aula de Artes". Este Reitor achava dispensável o investimento em equipamentos e materiais adequados e modernos para o Curso de Artes; tinha uma visão um pouco exagerada quanto ao dever que o artista teria de criar sempre em meio a pobreza, sem necessidade de dinheiro. Qualquer área e profissão necessita recursos financeiros, porém não as Artes, por quê? É verdadeiro que o artista é criativo porém qualquer profissão tem que ser criativa. Com esta visão, tudo



o que era necessário para o Curso de Artes naquela época, era muito difícil. Os outros reitores, pelo contrário, têm se relacionado com o Curso de Artes com respeito e reconhecimento as suas características, porque o Curso de Artes passou a ter outra postura dentro da universidade neste processo. Devido a forma como nasceu o Curso e como localizou-se em espaços diversos na cidade, foi colocado sempre muito à parte, não participando da vida universitária. E o Curso de Artes deve a alguns diretores este melhor reconhecimento com relação a universidade: Hella Altenburg, Sálvio Müller, Iolanda Tridapalli e José Ademir Pereira. Quando conseguimos situar todas as aulas das três áreas do Curso de Artes em um único espaço físico, dentro do Campus da Universidade, começamos a entrar na vida política da universidade e houve uma mudança da visão que se tinha do Curso de Artes. Passamos também a entender melhor a universidade e a universidade a nós do Curso de Artes. A universidade passa a entender que as reivindicações do Curso não tratavam de coisas fúteis; por exemplo: o Curso de Música precisa de silêncio ao redor, pois trabalha-se essencialmente com análise e produção de som; o Curso de Artes Cênicas precisa de espaços muito amplos e até de um pequeno Teatro; assim como o Curso de Artes Visuais. Outra característica do Curso de Artes é o respeito ao aluno quanto a sua diversidade, características pessoais sobre todos os aspectos, estilo, posição profissional, filosofia, preferência estética; conseguir administrar bem estas diferenças tem sido uma características do Curso de Artes.

R.M.C.: E as gestões da Reitoria, foram de certa forma consolidando este papel?

N.K.: Sim, a partir das novas posturas dos professores e acadêmicos do Curso de Artes assim como pelo apoio e orientação de alguns diretores dos Centros onde situou-se o Curso. A atual gestão tem dispensado muito apoio às Artes. Há ainda a necessidade de espaço físico para a instalação do acervo de mais de 500 obras artísticas de propriedade da universidade, um espaço que tanto o Departamento de Artes quanto a Divisão de Promoções Culturais sonham como um espaço dinâmico de mostra destas obras com acompanhamento de monitoria, exposições e outros eventos similares, disponibilizando o acesso deste acervo para a educação das escolas e da comunidade em geral. Também um Auditório de 600 lugares com múltipla utilização para Música, Teatro, Dança, Artes Visuais, Poesia. Salas de ensaio para os Grupos Estáveis de Produção Artística da FURB. E



15

um espaço específico para as aulas do Curso de Artes com as suas três áreas: Artes Cênicas, Música e Artes Visuais.

R.M.: Nestes anos todos, aconteceram várias coisas importantes na universidade em eventos culturais. Eu gostaria que você citasse outros acontecimentos, talvez pessoas de fora que vieram aqui e que você considera importante...

N.K.: O lançamento do livro de José Dirceu, hoje Ministro, foi um momento importante. Na DPC achamos que não teria sentido ele vir somente lançar o livro. Aproveitando a sua presença no lançamento do livro, solicitamos a ele uma palestra para os alunos. Realizamos o evento em parceria com o Curso de História. Foi este um grande momento na universidade, com o pessoal, alunos e professores, sentados pelo chão, fazendo perguntas, pois o Auditório do Bloco "T" estava lotado. Pessoalmente fiquei emocionada quando apresentei José Dirceu, pois falava de um período importante para o país para jovens que nem tinham nascido naquela época. Outro evento interessante aconteceu com Roberto Freire, da Soma. Estes eram eventos culturais, políticos. No Festival Universitário de Teatro de Blumenau, poderíamos destacar as presenças de Ítala Nandi, Plínio Marcos, Sérgio Brito, Paulo José, Jackson Antunes, Luís Melo e Gianni Ratto, entre outros. Em março de 2004, inauguramos a exposição de obras da Artista Plástica catarinense Eli Heil, artista reconhecida tanto nacionalmente quanto internacionalmente, evento que abriu a temporada de eventos que integram o convênio SESC-FURB. Este convênio firmado entre o SESC e a FURB para realização de atividades culturais completa, em 2004, o quarto ano de parceria. O convênio SESC-FURB é um dos pontos altos quanto as providências que a FURB tem tomado no que diz respeito ao seu papel como agente cultural na região. Alguns projetos que integram este convênio têm sido: "Sonora Brasil", um evento nacional de música, com artistas nacionais; "Palco Giratório", eventos de teatro; "Encena Catarina", com grupos de teatro do estado de Santa Catarina; "Arte SESC", a produção de artes plásticas de artistas nacionais. Deste convênio SESC-FURB faz parte também o apoio do SESC ao Festival Universitário de Teatro de Blumenau, participando com o apoio financeiro para o espetáculo de teatro de abertura do Festival; e também contribuem com oitenta leitos na Colônia de Férias do SESC, para os grupos de teatro selecionados para o Festival.

R.M.C.: Você queria comentar mais alguma coisa, sobre a DPC, sobre a FURB?



16

N.K.: Em 2004 temos uma grande tarefa, ou seja, auxiliar na realização dos eventos de comemoração dos 40 anos da FURB. Durante quatro décadas de existência a FURB tem assumido um compromisso como agente de produção e incentivo às ações culturais e pelas quais expressa-se especificamente pelo compromisso com a continuidade dos programas aos quais tem criado. Esta atitude destaca a FURB como instituição que realiza a sua função quanto ao Ensino, Pesquisa e Extensão em uma visão completa destas funções como universidade, demonstrando, através dos anos e das diferentes gestões, cada vez mais um melhor entendimento sobre a importância da lealdade e persistência na ação cultural junto a sua comunidade. Tudo isto, naturalmente, também se deve a persistência, a lealdade, a paixão e responsabilidade de todos os profissionais que conduzem os programas, os projetos e os eventos da FURB, profissionais que acreditam na Arte e na Cultura como indispensável na vida e conseqüentemente na vida universitária. É notável perceber-se também, que, no contexto desta visão a FURB não somente apoia e incentiva artistas locais e catarinenses, como produz eventos com artistas nacionais ou do exterior visando aperfeiçoamento e crescimento mediante essas vivências e contatos.

R.M.C.: Está certo. Então a gente agradece a Senhora pelo depoimento e vamos logo em seguida trazer esta transcrição para a Senhora ler. Obrigado, então.



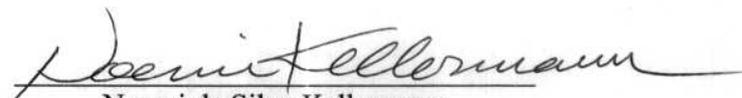
17

TERMO DE DOAÇÃO

Pelo presente documento, eu NOEMI DA SILVA KELLERMANN, cedo ao CMU - Centro de Memória Universitária, da Universidade Regional de Blumenau, todos os direitos de uso e divulgação que me corresponderem em fita magnética e transcrição literal, em documentos anexos e por mim rubricados, concedida aos integrantes do "Projeto Universidade Regional de Blumenau e sua História", Professor Roberto Marcelo Caresia e Ricardo Machado, em data de março de dois mil e quatro, 03/2004, na cidade de Blumenau, composto de fita cassete e transcrição literal.

Declaro também que, pela natureza do trabalho apresentado, o conteúdo das gravações pode ser consultado sem restrições por pessoas qualificadas e devidamente acreditadas, a partir desta data.

Blumenau, 19 de abril de 2004


Noemi da Silva Kellermann
Entrevistado e doador

Testemunha